

# *SUJEITOS NULOS:* *UMA REVISÃO* *DO ESTADO DA ARTE*

*SUJETOS NULOS: UNA REVISIÓN DEL ESTADO DEL ARTE*

*NULL SUBJECTS: A STATE OF ART REVIEW*

**Humberto Borges-Gonçalves\***

Universidade Federal de Jataí

**RESUMO:** Este trabalho detalha os principais estudos sobre a sintaxe dos sujeitos nulos e suas propriedades correlatas nas línguas naturais dentro do programa minimalista. Para tanto, são apresentados e discutidos os quatro tipos de línguas de sujeito nulo que descrevem o estado da arte das pesquisas empreendidas até então, nomeadamente: línguas consistentemente de sujeito nulo; línguas parcialmente de sujeito nulo; línguas de sujeito nulo radical (ou línguas de sujeito nulo orientadas para o discurso); e línguas de sujeito nulo expletivo. Considerando que o português brasileiro e o finlandês são línguas parcialmente de sujeito nulo, comparamos as (as)simetrias na sintaxe de sujeitos nulos entre essas línguas, com recortes ainda não debatidos amplamente na literatura. Indo além da interface morfologia-sintaxe, concluímos que os estudos minimalistas propõem que os traços formais (portanto, abstratos) no núcleo funcional T são cruciais para o licenciamento e a identificação de sujeitos nulos, inclusive nas línguas com orientação discursiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sujeitos nulos. Morfologia. Sintaxe. Semântica. Interfaces.

**RESUMEN:** Este trabajo señala los principales estudios sobre la sintaxis de sujetos nulos y sus propiedades correlacionadas en las lenguas naturales basados en el programa minimalista. Para ello, se presentan y discuten los cuatro tipos de lenguas de sujeto nulo, que describen el estado del arte de las investigaciones realizadas, a saber: lenguas de sujeto nulo propiamente dichas; lenguas parcialmente de sujeto nulo; lenguas de tópico nulo; y lenguas de sujeto expletivo nulo. Considerando que el portugués brasileño y el finlandés son lenguas parcialmente de sujeto nulo, comparamos las (as)simetrías en la sintaxis de los sujetos nulos entre estas lenguas, con recortes aún no ampliamente discutidos en la literatura. Más allá de la interface morfología-sintaxis, concluimos que los estudios minimalistas proponen que los rasgos formales (por lo tanto abstractos) en el núcleo funcional T son cruciales para licenciar e identificar los sujetos nulos, incluso en lenguas de tópico nulo.

**PALABRAS CLAVE:** Sujetos nulos. Morfología. Sintaxis. Semántica. Interfaces.

**ABSTRACT:** This work points out the main studies about the syntax of null subjects and their correlated properties in natural languages within the minimalist program. To this end, we presented and discussed the four types of null subject languages which describe the state of the art of the research within the minimalist program, namely: consistent null-subject languages; partial null-subject languages; radical null-subject languages; and expletive null-subject languages. Considering that Brazilian Portuguese and Finnish are partial null subject languages, we compare the (as)symmetries in the syntax of null subjects between these languages,

---

\* Professor Adjunto de Linguística e Formação de Professores de Língua Portuguesa da Universidade Federal de Jataí. Pós-doutorado em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (CAPES-Print/2019-2020). Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília. E-mail: [humbertoborges@ufj.edu.br](mailto:humbertoborges@ufj.edu.br).

using approaches not yet widely discussed in the literature. Going beyond the morphology-syntax interface, we conclude that minimalist studies propose that the formal features (hence abstract) in the functional head T are crucial for the licensing and identification of null subjects, including in radical null-subject languages.

KEYWORDS: Null subjects. Morphology. Syntax. Semantics. Interfaces.

## 1 INTRODUÇÃO

Estudiosos buscam descrever e explicar a distribuição dos sujeitos nulos – argumentos fonologicamente não realizáveis – em termos de licenciamento e identificação, lidando, especialmente, com as restrições de licenciamento e com a identificação desses sujeitos por meio da valoração dos traços- $\phi$  – pessoa, número e gênero. Nesse sentido, estudos sobre a sintaxe dos sujeitos nulos têm tido um papel de destaque na Gramática Gerativa, primeiramente porque eles revelam muito sobre a estrutura subjacente das línguas na mente humana e, segundo, porque dizem muito sobre as interfaces entre sintaxe e morfologia e sintaxe e semântica.

Na postulação do parâmetro do sujeito nulo no escopo da teoria de princípios e parâmetros, estão em contraste: o princípio de projeção estendida (*Extended Projection Principle* – EPP), que requer que em toda sentença a posição de sujeito – ou seja, a posição de especificador de Infl ou T – seja sintaticamente preenchida por um NP/DP ou um pronome referencial ou expletivo, como em (1); e a observação empírica de que certas línguas omitem o sujeito de suas orações, como em (2).

- (1) Inglês
- a. *John will come.* / ‘John virá.’
  - b. *He will come.* / ‘Ele virá.’
  - c. *It is too late to come back.* / ‘É muito tarde para voltar.’
  - d. *It rained.* / ‘Choveu.’
- (2) Italiano
- a. *Giovanni verrà.* / ‘Giovanni virá.’
  - b. *Verrà.* / ‘(Ele) virá.’
  - c. *È troppo tardi per tornare.* / ‘É muito tarde para voltar.’
  - d. *È piovuto.* / ‘Choveu.’

Estudos pioneiros associam a possibilidade de uma língua omitir sujeitos em orações finitas a uma morfologia verbal rica que distingue pessoa e número (cf. PERLMUTTER, 1971; TARALDSEN, 1980): assim, a omissão do sujeito em (2b) ocorre devido à possibilidade de recuperá-lo pela morfologia do verbo, o que não é possível em seu contraexemplo em (1b), que precisa de um sujeito manifesto. Nessa perspectiva, o EPP nas línguas que permitem sujeitos nulos é, de certo modo, satisfeito pelos traços formais de concordância dos verbos. Além disso, essas línguas licenciam expletivos nulos, como no contraste em (1c-d)-(2c-2d) (cf. RIZZI, 1982, 1986; CAMACHO, 2013).

Para além da questão da riqueza morfológica, Chomsky (1981) propôs que um conjunto de propriedades gramaticais específicas é geralmente encontrado em línguas com marcação positiva para o que ele denominou de parâmetro *pro-drop*, nomeadamente: (i) a omissão do sujeito da sentença (3a); (ii) a inversão livre do sujeito em orações simples (3b); (iii) o movimento longo do sujeito a partir de uma ilha *qu-* (3c) – destaca-se que as restrições de ilha representam configurações estruturais por meio das quais a extração/o movimento de certos elementos não deriva sentenças gramaticais; (iv) a presença de um pronome resumptivo vazio em orações encaixadas (3d); e (v) a aparente violação do filtro *that-trace* – proposto por Chomsky e Lasnik (1977), segundo o qual o sujeito é impedido de se mover por cima de um complementador lexicalmente realizado (3e).

- (3) Italiano (CHOMSKY, 1981, p. 240)
- a. *Ho trovato il libro.*  
*ter-1SG-AUX encontrado-PRF o livro*

‘Encontrei o livro.’

b. *Ha mangiato Giovanni.*  
*ter.3SG-AUX comido-PRF João*

‘O João comeu.’

c. *L'uomo<sub>i</sub> [che mi domando [chi t<sub>i</sub> abbia visto]].<sup>1</sup>*  
*o-homem<sub>i</sub> que me pergunto quem t<sub>i</sub> havia-3SG-AUX visto-PRF*

‘O homem que me pergunto quem tenha visto.’

d. *Ecco la ragazza<sub>i</sub> [che mi domando [chi crede*  
*aqui a garota que me pergunto quem acredita*  
*[che t<sub>i</sub> possa fare questo]].<sup>2</sup>*  
*que t<sub>i</sub> possa fazer isso*

‘Eis a garota que eu me pergunto quem acredita que (ela) possa fazer isso.’

e. *Chi<sub>i</sub> credi [che t<sub>i</sub> partirà].<sup>3</sup>*  
*Quem crê-2SG [que t<sub>i</sub> partirá-3SG-FUT]*

‘Quem você pensa que partirá?’

Kayne (1980) foi quem primeiro mostrou que línguas que permitem a omissão do sujeito, como em (3a), também permitem a inversão da ordem sujeito-verbo (SV), como em (3b). Safir (1982), contudo, desfez a correlação entre sujeitos nulos e a inversão livre ao trazer para o debate dados de dois dialetos italianos (trentino e modenese) em que sujeitos nulos não são permitidos, mas a inversão livre é. Ele exemplifica que orações com inversão do sujeito clítico em trentino se restringem a orações matrizes (4) e a contextos em que o sujeito clítico ocupa a projeção mais alta do verbo, como em (6), o que corrobora a teoria do autor de que sujeitos clíticos em orações com inversão são marcadores de concordância que aparecem em línguas cujo paradigma flexional dos verbos é fraco.

(4) Inversão livre no trentino em comparação com o francês (SAFIR, 1982, p. 375)

- a. *Ho domanda se (el Mario) e magna a casa.*  
 ‘Pergunto-me se Mario come em casa’.  
 b. \* *Ho domanda se (el Mario) magne a casa.*  
 c. \* *Je m' ai demandé si Mari mange-t-il chez lui.*

(5) Ordem-SV em trentino em comparação com o francês (SAFIR, 1982, p. 375)

- a. *Al magna?*  
 b. *A-t-il mange?*  
 ‘Ele comeu’.

(6) Inversão livre no trentino em comparação com o francês (SAFIR, 1982, p. 375)

- a. *La magne?*  
 b. *La mange-t-il?*  
 ‘Ele come isso?’

<sup>1</sup> Inglês e francês não geram construções como em (3c), tendo em vista que o movimento longo do elemento *qu-* resulta agramatical nessas línguas, considerando as restrições de ilha.

<sup>2</sup> Como o sujeito nulo do verbo *possa* em (3d) não pode ser resultado de movimento de acordo com restrições de localidade impostas pelo princípio de subjacência, Chomsky (1981) propõe que ele é gerado na base como um pronome lembrete.

<sup>3</sup> Contrariando a generalização de Taraldsen (1980) de que os traços semânticos do sujeito nulo nos casos de aparente violação do filtro *that-trace* são regidos (se o sujeito for anafórico) pela morfologia de concordância do verbo, Chomsky (1981) argumenta que a sentença encaixada com sujeito nulo em (3e) não viola o filtro *that-trace*, pois o movimento *qu-* realizado provém de uma posição pós-verbal.

Safir (1982) mostra ainda que sujeitos clíticos em orações com inversão em trentino não são licenciados simultaneamente com sua forma pré-verbal, de modo que (7a) só pode ser considerada gramatical se o pronome definido *el* for interpretado como um objeto clítico homófono.

- (7) Inversão livre no trentino em comparação com o francês (SAFIR, 1982, p. 375)
- a. *El magne<sub>lo</sub>?*
  - b. \**Il mange-t-il?*
- ‘Ele come?’

Rizzi (1982) propôs que, nos casos de inversão livre em línguas de sujeito nulo (LSN), a posição vazia de sujeito está coindexada com o NP e é legitimada por INFL, como em (8).

- (8) Derivação da ordem VS no italiano (RIZZI, 1982, p. 132)
- $e_i$  INFL<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>VP</sub> *ha telefonato*] Gianni<sub>i</sub>]

Rizzi (1986) enfatiza o papel da riqueza morfológica ao postular a existência de *pro*, um argumento pronominal fonologicamente nulo que pode ocupar a posição de sujeito em certas línguas e tem coindexada a ele a especificação gramatical dos traços do núcleo X que o licencia, como ilustrado em (9).

- (9) *pro* na Teoria de Regência e Ligação (RIZZI, 1986, p. 519-524)
- a. Seja X o núcleo licenciador de uma ocorrência de *pro*: então, *pro* tem as especificações gramaticais de X coindexada a ele.
  - b. *pro* é regido por  $X_y^0$ ;
  - c. *pro* recebe marcação de Caso de  $X_y^0$ .

Os postulados em (9) predizem que em uma dada língua um núcleo flexional pode diferir em relação à sua capacidade de licenciar e identificar *pro*. Segundo Rizzi (1986), a **operação de licenciamento** controla as condições sintáticas dos constituintes não realizados e a **operação de identificação** regula o conteúdo semântico do argumento não realizado. Assim, a interpretação de *pro* como referencial ou não referencial é legitimada pela forma com que *pro* é identificado, ou seja, por meio dos traços formais presentes na morfologia de concordância em  $X_y^0$ . Rizzi (1986) afirma que *pro* somente pode ser referencial se é licenciado por um núcleo flexional que identifica pessoa e número. Para os outros contextos de identificação, argumenta que *pro* quase argumental é licenciado por número, enquanto *pro* expletivo é licenciado pela ausência de qualquer marca de identificação de pessoa ou número.

Constatada a existência de línguas em que a morfologia verbal não exerce nenhum papel em licenciar e identificar sujeitos nulos, como o chinês, C.-T. Huang (1984) trata extensivamente dessas línguas e desenvolve uma profícua análise sobre argumentos nulos com base em dois parâmetros independentemente motivados: um distingue as línguas com tópico nulo das de tópico não nulo; o outro distingue as línguas *pro-drop* das não *pro-drop*. Assim, C.-T. Huang (1984) propõe a seguinte tipologia: línguas que não possuem tópico nulo nem sujeito nulo (inglês, francês); línguas que não permitem tópico nulo, mas permitem o sujeito nulo (italiano, espanhol); línguas que licenciam tópico nulo e sujeito nulo (japonês, chinês); e línguas que licenciam tópico nulo, mas não licenciam sujeitos nulos (alemão). Para o autor, em línguas com orientação discursiva, os sujeitos nulos podem ser contextualmente identificados. Assim, tem-se que uma categoria vazia pode estar vinculada a um NP em uma posição A ou a uma variável discursivamente ligada a um tópico nulo na posição inicial da sentença – ou seja, *pro* e tópico nulo têm pouco em comum: *pro* está sujeito a um princípio sintático, o que o obriga a ser coindexado com Agr ou um NP para sua interpretação, enquanto um tópico nulo está sujeito a um princípio do discurso e não depende de morfologia para sua interpretação. É o caso de algumas línguas asiáticas, como o chinês (10).

(10) Chinês (C.-T. HUANG, 1984, p. 533)

Falante A:	<i>Zhangsan</i>	<i>kanjian</i>	<i>Lisi</i>	<i>le</i>	<i>ma?</i>
	<i>Zhangsan</i>	<i>ver</i>	<i>Lisi</i>	<i>LE</i>	<i>Q</i>
	'Zhangsan viu Lisi?'				
Falante B:	a. <i>ta</i>	<i>kanjian</i>	<i>ta</i>	<i>le.</i>	
	<i>ele</i>	<i>ver</i>		<i>ele</i>	<i>ASP</i>
	'Ele o viu/Ele viu ele.'				
	b. <i>e</i>	<i>kanjian</i>	<i>ta</i>	<i>le.</i>	
	<i>[ele]</i>	<i>ver</i>	<i>ele</i>	<i>ASP</i>	
	'(Ele) o viu/(Ele) viu ele.'				
	c. <i>ta</i>	<i>kanjian</i>	<i>e</i>	<i>le.</i>	
	<i>ele</i>	<i>ver</i>	<i>[ele]</i>	<i>ASP</i>	
	'Ele (o) viu/Ele viu (ele).'				
	d. <i>e</i>	<i>kanjian</i>	<i>e</i>	<i>le.</i>	
	<i>[ele]</i>	<i>ver</i>	<i>[ele]</i>	<i>ASP</i>	
	'(Ele) (o) viu/(Ele) viu (ele).'				
	e. <i>wo</i>	<i>cai</i>	<i>[e kanjian e le].</i>		
	<i>eu</i>	<i>achar</i>	<i>ver</i>	<i>ASP</i>	
	'Eu acho (que) (ele) viu (ele).'				
	f. <i>Zhangsan</i>	<i>shuo</i>	<i>[e kanjian e le].</i>		
	<i>Zhangsan</i>	<i>dizer</i>	<i>ver</i>	<i>ASP</i>	
	'Zhangsan disse que (ele) viu (ele)'				

Em (10), o falante B omite não somente o sujeito em (10a), mas também o objeto em (10b) e ambos em (10c) e (10d); (10e) mostra que toda uma oração subordinada pode ser omitida em chinês. Consoante C.-T. Huang (1984), o sujeito vazio em (10b) não pode ser pronominal porque um pronome nulo precisa ser identificado de acordo com o princípio da recuperabilidade (*Principle of Recoverability*), segundo o qual só se pode apagar da derivação material que seja redundante, e não há nada na sentença que possa identificar seu conteúdo. (10b), no entanto, pode ser uma variável vinculada a um tópico nulo. Desse modo, a sentença é gramatical com a categoria vazia interpretada como um tópico nulo. Em (10c), a categoria vazia não pode ser pronominal, pois, caso fosse, teria que ser coindexada com o elemento nominal mais próximo (*ta* 'ele'), em violação à condição de referência disjunta (*Condition of Disjoint Reference*), segundo a qual um pronome deve ser livre na categoria de regência (C.-T. HUANG, 1984). Como resultado, (10c) é gramatical somente com a interpretação de tópico nulo do objeto nulo. (10d) é gramatical porque ambos os argumentos nulos são variáveis ligadas a tópicos nulos. De acordo com C.-T. Huang (1984), em todos os casos em que a categoria vazia é interpretada como uma variável ligada a um tópico nulo, a relação de ligação entre o tópico zero e a variável pode ser obtida por movimento sintático ou coindexação. Ele argumenta que todos os elementos omitidos em (10) são tópicos.

Para lidar com as LSN de orientação discursiva e as de morfologia rica em um único modelo formal, Jaeggli e Safir (1989) formularam a seguinte hipótese:

- (11) Hipótese da uniformidade morfológica (JAEGGLI; SAFIR, 1989, p. 29)  
Sujeitos nulos são permitidos em todas (e somente n)as línguas com paradigmas flexionais morfológicamente uniformes.
- (12) Uniformidade morfológica (JAEGGLI; SAFIR, 1989, p. 30)  
Um paradigma flexional P em uma língua L é morfológicamente uniforme se e somente se P tem somente formas flexionais não derivadas ou somente formas flexionais derivadas.

Num primeiro momento, a hipótese de Jaeggli e Safir (1989) parece estar na direção correta: línguas com todas as formas flexionais derivadas, como o português europeu (PE) e o italiano, licenciam sujeitos nulos temáticos da mesma forma que línguas

com flexões não derivadas, como o chinês e o japonês. (11) e (12) também predizem corretamente que línguas não uniformes morfológicamente, como o inglês e o francês, não permitem sujeitos nulos. Jaeggli e Safir (1989) reconhecem, contudo, que a hipótese em (12) não resiste a dados empíricos de línguas escandinavas como o islandês, que possui cinco paradigmas flexionais distintos, mas não licencia sujeitos nulos temáticos, apenas expletivos nulos. Verifica-se, até aqui, que as análises sobre sujeitos nulos na teoria de princípios e parâmetros seguem duas direções: de um lado, a morfologia rica é associada ao licenciamento e à identificação dos sujeitos nulos; de outro, o contexto discursivo é que é considerado – Jaeggli e Safir (1989) representam, portanto, uma tentativa de redirecionar essas duas perspectivas para um único caminho.

Holmberg (2005) pontua que as análises iniciais sobre sujeitos nulos são conflitantes com as premissas teóricas do programa minimalista para a checagem de traços, segundo a qual, os traços- $\phi$  do verbo não são interpretáveis, por isso eles não podem ter seu conteúdo identificado antes da valoração (CHOMSKY, 2000, 2001); isso implica dizer que os traços de T têm de ser valorados por *pro*, mas essa operação de cópia é incompatível com princípios que regulam o modo como as estruturas são construídas no minimalismo, em particular a condição de inclusividade (*Inclusiveness Condition*), que exige que as propriedades de um nó terminal sejam recuperáveis no léxico e que as propriedades de um nó não terminal sejam recuperáveis na estrutura que ele domina (CHOMSKY, 1995; NUNES, 1999). Copiar informações de T para *pro* viola a condição de inclusividade, pois, caso *pro* copiasse os traços- $\phi$  de T, *pro* adquiriria traços de um nó que ele não domina. Para Holmberg (2005), há em voga duas correntes de análise para os sujeitos nulos dentro das implementações do programa minimalista. A primeira supõe que *pro* pode ser (parcialmente) eliminado do aparato teórico-analítico das LSN e que a informação verbal contida em T é interpretada como o sujeito – um pronome referencial definido, embora fonologicamente expresso como um afixo (cf. BARBOSA, 1995; ORDÓÑEZ, 1997; ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 1998; KATO, 1999; entre muitos outros). A proposta alternativa é presumir que o sujeito nulo é especificado por um conjunto completo de traços- $\phi$  e, portanto, valora os traços- $\phi$  não interpretáveis de T e se move para [SPEC-TP]. Isso implica dizer que a omissão do sujeito é uma questão fonológica: o sujeito nulo é um pronome, ou um NP/DP, que não é pronunciado (cf. HOLMBERG, 2005; entre outros).

Os estudos minimalistas deram origem à descrição de quatro tipos particulares de línguas de sujeito nulo (LSN). Neste contexto, abordaremos detalhadamente cada um deles na próxima seção, com base nas tipologias apresentadas por Roberts e Holmberg (2010). Essas tipologias incluem as línguas consistentemente de sujeito nulo, as línguas parcialmente de sujeito nulo, as línguas de sujeito nulo radical (também conhecidas como línguas de sujeito nulo orientadas para o discurso) e as línguas de sujeito nulo expletivo. A descrição de cada uma delas desempenha um papel fundamental na compreensão da variação sintática na expressão do sujeito em diferentes línguas e oferece *insights* valiosos para a teoria linguística minimalista.

## 2 LSN NO PROGRAMA MINIMALISTA

### 2.1 LSN CONSISTENTES

Alexiadou e Anagnostopoulou (1998) – doravante A&A (1998) – propuseram uma reformulação teórica para o parâmetro do sujeito nulo a partir do programa minimalista. Elas argumentam sistematicamente contra os estudos que defendem que a ordem VS resulta da inserção de um pronome nulo especial – *pro* expletivo – em uma posição antes do verbo. O estudo das autoras centra-se nas LSN – como o grego moderno – que permitem ordem VS em todos os predicados eventivos (13) e não sofrem de restrição para interpretação da definitude em construções inacusativas (14).

(13) Grego moderno (ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 1998, p. 495)

- |                    |              |                 |                               |
|--------------------|--------------|-----------------|-------------------------------|
| a. <i>Efíge</i>    | <i>o</i>     | <i>Petros</i> . | (VS com verbo inacusativo).   |
| <i>saiu</i>        | <i>o</i>     | <i>Pedro</i>    | / ‘Pedro saiu.’               |
| b. <i>Epekse</i>   | <i>o</i>     | <i>Petros</i> . | (VS com verbo inergativo).    |
| <i>jogou</i>       | <i>o</i>     | <i>Pedro</i>    | / ‘Pedro jogou.’              |
| c. <i>Ektise</i>   | <i>i</i>     | <i>Maria</i>    | <i>to spiti</i> .             |
| <i>construiu a</i> | <i>Maria</i> | <i>a casa</i>   | / ‘Maria construiu uma casa.’ |

- (14) Grego moderno (ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOULOU, 1998, p. 512)
- a. *Eftase ena pedi.*  
'Chegou uma criança.'
  - b. *Eftase o Jorgos.*  
'Chegou o Jorge.'
  - c. *Eftase kathe filou mu.*  
'Chegou cada amigo meu.'

Esse último caso constitui forte evidência contra a proposta de Chomsky (1995) de que o expletivo *pro* na ordem SV(O) carrega unicamente o traço categorial [D] nas LSN. Para Chomsky (1995), o expletivo carregando o traço categorial [D] associa-se a um complemento NP. A partir da observação de que a proposta de Chomsky (1995) não abarca dados como (14), A&A (1998) argumentam que não há *pro* em posição pré-verbal na ordem VS nas LSN. Para elas, os traços de concordância do verbo finito nessas línguas são nominais o suficiente para satisfazer o EPP. Essa argumentação pressupõe que: os afixos de concordância são pronomes [+definidos], têm traços- $\phi$  interpretáveis e atribuem Caso estrutural; o sujeito é interno ao VP; e o movimento do verbo para o núcleo funcional temporal estabelece a ordem VS e satisfaz o EPP. Em línguas que não permitem sujeito nulo, um elemento XP deve ocupar [SPEC-TP] para satisfazer o EPP. Para A&A (1998), como o movimento A para [SPEC-TP] não é necessário nas LSN, todo movimento para uma posição pré-verbal é movimento A-barra. Essa análise explica a correlação entre riqueza morfológica e inversão livre. A inversão livre é uma consequência natural do fato de a concordância morfológica produzir a propriedade do sujeito nulo, satisfazendo o EPP via movimento do verbo. Consoante essa análise, [SPEC-TP] não é projetado nas orações declarativas com verbos finitos e ordem VS(O) nas LSN.

Uma implementação importante de A&A (1998) diz respeito à derivação dos sujeitos nulos das orações em que os afixos do verbo finito têm valor pronominal. Defendendo uma distinção entre sistemas de concordância forte e fraca, elas argumentam que no primeiro sistema os afixos de concordância têm entradas lexicais independentes, como elementos pronominais, e possuem um traço categorial [D]. Assim, o radical do verbo e o afixo [+D] são independentes um do outro e estão separados na numeração. Dado que as LSN como o grego moderno possuem concordância forte, há duas opções para o afixo [+D] no percurso da derivação: primeiro, ser concatenado com a raiz verbal em um estágio inicial da derivação (em seu domínio interno), de modo que o verbo será projetado e o elemento complexo resultante dessa concatenação será fundido em uma estrutura maior – é o caso de quando há movimento de V-para-T, e esse movimento satisfaz o EPP. Noutra opção, o afixo [+D] pode ser concatenado diretamente no núcleo temporal, assim, o verbo se move para esse núcleo – esse seria o caso dos clíticos sujeitos em dialetos italianos. No sistema de concordância fraca, os afixos de concordância não são independentes um do outro na derivação e não têm um traço categorial independente.

Se a concordância e o movimento do verbo são suficientes para satisfazer o EPP para A&A (1998), isso não ocorre para Holmberg (2005, 2010a). Ele defende uma revisão das análises iniciais sobre as LSN, argumentando que não é a referencialidade, mas a definitude [D] a propriedade que deve ser crucialmente tomada para caracterizá-las. Holmberg (2010a) mostra que, nas LSN, quando um pronome nulo na 3ª pessoa singular entra em relação de concordância com T, e T possui um traço de definitude não interpretável [ $u$ D], gera-se uma sentença como (15).

- (15) Italiano (HOLMBERG, 2010a, p. 88)
- Verrà.*
  - vir-3SG-FUT*
  - '(Ele/ela) virá.'

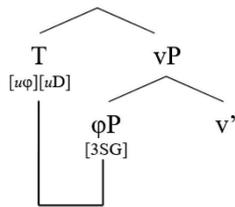
Holmberg (2010a) interpreta os sujeitos nulos como uma estrutura pronominal menor que os pronomes regulares, formalmente  $\phi$ P. Assim, ele postula:

- (16) Estrutura dos pronomes (HOLMBERG, 2010a, p. 94)

- a. Os pronomes são DPs, com a estrutura  $[_{DP} D [_{\varphi P} \varphi [_{NP} N]]]$ , ou  $\varphi Ps$ ;  
 b. Pronomes nulos são  $\varphi Ps$ .

Com base em (16), ele ilustra em (17) a relação de quando T sonda um  $\varphi P$  de 3ª pessoa singular e tem seus traços- $\varphi$  valorados por esse pronome, gerando um pronome definido nulo.

- (17) Relação sonda-alvo entre T e um  $\varphi P$  (HOLMBERG, 2010a, p. 95)



Segundo Holmberg (2010a), na derivação de sujeitos definidos nulos de 3ª pessoa do singular que são dependentes de um antecedente nas LSN, há um tópico de mudança de orientação (*Aboutness-shift topic*)<sup>4</sup> localizado em C, nulo ou manifesto, mediando a relação de coindexação entre o sujeito nulo e seu antecedente, que corresponde ao tópico de uma oração anterior, como (18):

- (18) Italiano (HOLMBERG, 2010a, p. 96)  
 a. *Questa mattina, Gianni ha visitato la mostra. Più tardi \_\_\_ ha visitato l'università.*  
 'Nesta manhã, Gianni visitou a mostra. Mais tarde \_\_\_ visitou a universidade.'  
 b.  $[CP <Gianni_i> [questa\ mattina\ Gianni_i\ ha\ visitato\ la\ mostra]]$   
 $[CP <\emptyset_2> [più\ tardi\ ha\ \varphi P_2\ visitato\ l'università]]\ 1 = 2$

O pronome nulo em (18) é dependente de um tópico. Holmberg (2010a) argumenta que o índice referencial do sujeito nulo ( $\emptyset_2/\varphi P_2$ ) vem do índice do DP expresso fonologicamente no discurso anterior (*Gianni<sub>i</sub>*) por intermédio de uma cadeia de tópicos. Assim, ele explica que a relação de compartilhamento de índice entre o tópico nulo e o sujeito nulo em (18b) envolve crucialmente T: o tópico nulo valora o traço  $[uD]$  de T, e a valoração consiste em  $[uD]$  copiar o índice referencial do tópico nulo. Esses procedimentos são capazes de satisfazer o EPP (19).

- (19) Italiano (HOLMBERG, 2010a, p. 105)  
*Ha comprato una macchina nuova.*  
*Tem comprato un carro novo.*  
 '(Ele) comprou um carro novo.'  
 $[CP <DP_1> [TP\ ha + T[_{D1, 3SG, EPP}] [_{vP} <\varphi P[_{3SG, NOM}]> comprato \dots ]]]$

Quanto aos sujeitos nulos de 1ª e 2ª pessoa, Holmberg (2010a) adota a hipótese de que cada oração possui traços semânticos representando o falante e o destinatário no domínio de C. Dessa forma, o falante e o ouvinte estão sempre disponíveis como antecedentes locais.

Adotando Holmberg (2005, 2010a) e tomando a definitude como uma noção que envolve existência e unicidade, as quais para serem determinadas exigem que um elemento definido tenha uma especificação completa de traços de pessoa e número, Roberts (2010) formula o postulado em (20) em relação ao traço-D e à especificação dos traços- $\varphi$  nas LSN consistentes.

<sup>4</sup> Traduzimos *Aboutness-shift topic* como um tópico de mudança de orientação, pois a noção de tópico consiste essencialmente em uma expressão que denota um indivíduo ou um grupo já estabelecido no discurso, sobre o qual o predicado diz alguma coisa. Esse tópico encontra-se no domínio do núcleo mais alto da sentença.

- (20) Se uma categoria  $\alpha$  tem um traço-D, então todos os traços- $\phi$  de  $\alpha$  são especificados. (ROBERTS, 2010, p. 82)

Roberts (2010) defende que a supressão de um pronome na derivação somente é possível se ele identifica os traços de T. Assim, estipula que qualquer língua que tenha um traço-D não interpretável em T e cinco ou seis morfemas distintos para recuperar as pessoas gramaticais permite sujeitos nulos. Ele propõe que os sujeitos nulos nessas línguas são pronomes fracos deletados em PF (Forma Fonética, do inglês *Phonetic Forms*) antes de irem para *Spell-out*. Assim, ele assume que sujeitos nulos são pronomes fracos que devem ocupar [SPEC-TP], têm um traço-D valorado como definido e valoram o traço [ $\mu$ D] em T. Tendo em vista que T contém os traços- $\phi$  que correspondem aos do sujeito, na relação sonda-alvo do sujeito com T, o sujeito é um alvo defectivo, no sentido de que seus traços são esgotados por aqueles presentes na sonda – alvos defectivos nunca têm uma realização em PF, independentemente de suas sondas. Por ser um alvo defectivo, o sujeito é deletado em PF pela operação *Chain Reduction*.

Como corolário de (20), uma dada língua sem um traço-D em T não tem seus demais traços- $\phi$  especificados, de modo que *pro*, sendo um pronome fraco, não é um alvo defectivo e, portanto, não pode ser nulo, não pode ser deletado. Crucialmente, Roberts (2010) propõe que o apagamento do sujeito implica a projeção de [SPEC-TP], de modo que a diferença entre as LSN consistentes e as demais LSN está na composição de T: T carrega traços nominais que, em combinação com sua especificação verbal, asseguram que um pronome fraco projetado em [SPEC-TP] constitua um conjunto de traços daqueles presentes em T, justificando, assim, a omissão dos pronomes em termos de *Chain Reduction* – isto é, de um processo de apagamento em PF, que consiste na exclusão de todas as cópias idênticas em uma dependência, exceto a da cadeia mais alta.

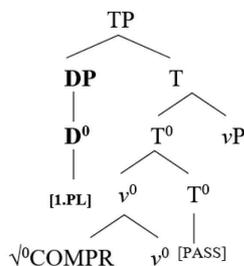
Saab (2016) apresenta uma abordagem alternativa à ideia de que os sujeitos nulos são instâncias elididas de argumentos manifestos a partir de uma perspectiva em que a elipse é entendida como uma operação de bloqueio de inserção de léxico na derivação. Trabalhando com a Morfologia Distribuída, ele sustenta a ideia de que a diferença entre um pronome manifesto e um nulo é que o primeiro não possui [+I] e obtém conteúdo por meio de regras de inserção lexical, enquanto o último possui [+I], o que bloqueia a aplicação dessas regras.

- (21) Atribuição morfológica de I [elipse de núcleo] (SAAB, 2016, p. 54)

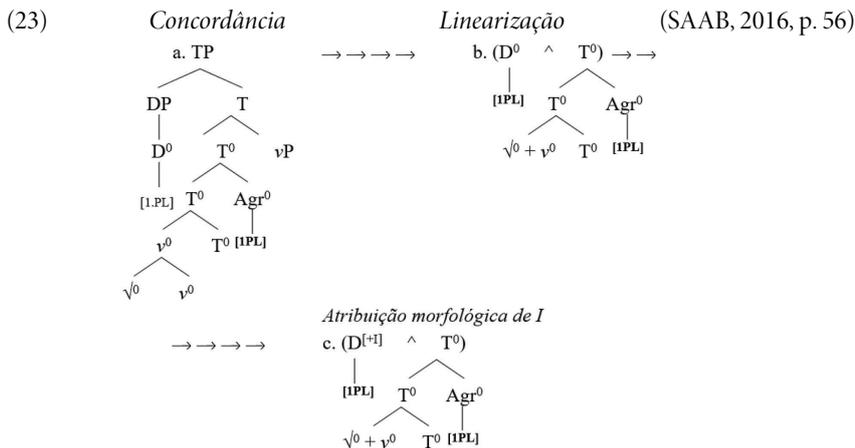
Dada uma palavra morfossintática  $Y^0$ , um recurso [+I] é atribuído a  $Y^0$  se e somente se houver um nó  $X^0$  idêntico a  $Y^0$  contido em uma palavra morfossintática adjacente ou imediatamente local a  $Y^0$  (onde a noção de contenção é reflexiva).

(21) prediz um conjunto de interações entre sintaxe, elipse de núcleo e outras operações pós-sintáticas, como concordância, e explicita um processo de afixação de morfemas em PF que instancia sujeitos nulos, como (22).

- (22) Espanhol: ‘*Compramos.*’ (SAAB, 2016, p. 56)



Em (22), um sujeito nulo é uma projeção máxima D em [SPEC-TP]. Assume-se, assim, que a concordância é implementada exclusivamente em PF por meio da introdução de um morfema dissociado, que é uma cópia dos traços formais do sujeito. Formalmente, Saab (2016) propõe que uma estrutura sintática como (23a) é linearizada como (23b), e D pode ser valorado por um traço [+I]. Esse traço é adicionado aos núcleos elípticos sob identidade formal e bloqueia as regras de inserção lexical, gerando um sujeito nulo.



Saab (2016) destaca que o nó  $D^0$  é uma palavra morfossintática, mas o morfema dissociado não o é; isso prediz que o sujeito pode ser elidido, mas o morfema dissociado não, como (24).

- (24) Espanhol (SAAB, 2016, p. 57)
- a.  $\overline{D(P)}[I,pl]$  *compramos un libro.*
- b. \**Nosotros compramos un libro.*
- ‘(Nós) compramos um livro.’

Saab (2016), por fim, conjectura que a introdução de morfemas dissociados – isto é, concordância morfológica – e o EPP – ou seja, a exigência de que T deve estar associado a um traço nominal ou D na sintaxe ou em PF – estão em distribuição complementar. Em sua análise mais recente, Barbosa (2019) assume que T nas LSN consistentes hospeda um conjunto interpretável de traços- $\phi$  e, assim, postula que a posição temática do sujeito seja preenchida por um NP fonologicamente nulo – formalmente, um  $nP$ , no sentido de que esse item consiste minimamente em um núcleo de categorização  $n$ , ou seja, corresponde a um  $n$  que não se funde com uma raiz. Assim, ela propõe que o núcleo de concordância de uma LSN consistente se comporta como um afixo pronominal [+D], de modo que T é semelhante a um clítico pronominal, ou seja, possui um conjunto de traços inerentemente valorados, muito provavelmente Caso, e *pro* é um nominal minimamente especificado. Barbosa (2019) pontua que um dos corolários dessa abordagem é o fato de que os sujeitos pré-verbais referenciais devem ser considerados como deslocação à esquerda clítica – *Clitic Left Dislocated*. Assim, o princípio evite pronome, que induz à não realização fonológica do sujeito quando sua plena identificação for possível (25b), reduz a opcionalidade de sujeitos manifestos por não concatenar um pronome como um clítico deslocado à esquerda, a não ser que seja necessário sinalizar mudança de tópico ou ênfase.

- (25) a. O João disse que ele comprou um computador.
- b. O João disse que \_\_\_ comprou um computador.

Barbosa (2019) pontua que em (25b) no PE o sujeito incorporado toma o sujeito da matriz como antecedente; o pronome em (25a), no entanto, é preferencialmente interpretado como não correferencial. No português brasileiro (doravante PB), ocorre o contrário: (25a) e (25b) estão disponíveis sempre que o sujeito incorporado for correferente ao sujeito da matriz. Segundo a autora, essa observação em relação ao PB vale para outras LSN, como o finlandês, que se caracterizam como LSN parciais.

## 2.2 LSN PARCIAIS

Segundo Holmberg (2010a), em uma LSN sem [*uD*] em T, a relação sonda-alvo entre um  $\varphi$ P na 3ª pessoa do singular e T não fornece um valor de definitude, de modo que o resultado é um pronome indefinido nulo cuja interpretação possui traço [+humano], como em (26).

- (26) \*Português europeu/português brasileiro (HOLMBERG, 2010a, p. 92)  
É assim que\_\_ faz o doce.

Assim, quando um traço-D está ausente do conjunto de traços de T numa LSN e um pronome nulo de 3ª pessoa singular e T entram numa relação de *Agree*, o pronome nulo somente pode ser interpretado indefinidamente. Holmberg (2010a) classifica as LSN que licenciam sujeito indefinido nulo de 3ª pessoa singular como LSN parciais. Nesta classe, encontram-se o finlandês e o PB – ao passo que o PE é uma LSN consistente.

Holmberg (2010a) propõe que os sujeitos nulos definidos de 3ª pessoa singular nas LSN parciais ocorrem pelo apagamento de um pronome controlado por uma oração mais alta. Isso implica dizer que pronomes referenciais nulos nas LSN parciais são licenciados desde que localmente c-comandados por um antecedente, como (27a).

- (27) a. Finlandês (HOLMBERG, 2010a, p. 92)  
*Juha<sub>1</sub> ei ole sanonut mitään, mutta Pauli<sub>2</sub> sanoo että \*Ø<sub>1</sub> haluaa ostaa uuden auto.*  
'O João<sub>1</sub> não disse nada, mas Paulo<sub>2</sub> disse que (ele)<sub>1</sub> deseja comprar um carro novo.'
- b. Italiano  
*Gianni<sub>1</sub> non ha detto niente, ma Paolo<sub>2</sub> ha detto che Ø<sub>1</sub> vuole comprare una macchina nuova.*  
'O João<sub>1</sub> não disse nada, mas o Paulo<sub>2</sub> disse que (ele)<sub>1/2</sub> deseja comprar um carro novo.'

Segundo Holmberg (2010a), em (27a): o sujeito nulo da coordenada não pode ser c-comandado pelo DP *Juha*, de modo que o único antecedente possível é o DP *Pauli*. Em italiano, c-comando não é um requerimento quando o antecedente é um tópico, o que possibilita a interpretação do DP *Gianni* como referente do sujeito nulo da coordenada (27b).

Holmberg e Sheehan (2010) apontam que as LSN parciais apresentam sujeitos nulos quase argumentais com verbos meteorológicos – como em “Está chovendo”. Holmberg (2010a) e Holmberg e Sheehan (2010) pontuam que as LSN parciais diferem entre si quanto a se pronomes de 1ª e 2ª pessoa podem ser nulos quando usados como indexicais, ou seja, quando expressos como elementos que dependem do contexto de fala para estabelecer seus referentes. Nas LSN consistentes, os indexicais nulos são pronomes deficientes, e a interpretação referencial é atribuída pelo traço-D em T. Holmberg (2010a) argumenta que um pronome definido nas LSN parciais não está adjungido a T e, portanto, é atraído para [SPEC-TP]. Dessa forma, uma vez que T nas LSN parciais não tem o traço-D, um pronome definido em [SPEC-TP] deve ter seu próprio traço-D, ou seja, seu próprio índice. Ao ser sondado por T, esse pronome será forçado pelo EPP de T a se fundir mais uma vez, agora em TP. A cópia mais alta da cadeia deve ser pronunciada. (28) resume essa análise.

- (28) Finlandês (HOLMBERG, 2010a, p. 105)  
*Hän on ostanut uuden auton.*  
*Ele tem comprado carro novo*  
'Ele comprou um carro novo.'  
[<sub>TP</sub> *Hän*<sub>[DI,3SG,NOM]</sub> [<sub>T</sub> *on*+T<sub>[3SG,EPP]</sub> [<sub>VP</sub> <*hän*<sub>[DI,3SG,NOM]</sub> > *ostanut ...* ]]]

Nas LSN parciais, não há incorporação em T se um pronome de 3ª pessoa singular possui um traço-D defectivo e não valorado (rotulado *uD*P), de modo que esse pronome é projetado para [SPEC-TP], para satisfazer o EPP e ser interpretado somente quando controlado pelo argumento de uma oração mais alta, como (29a). (29b) é a derivação de (29a) antes da operação de controle, que

subsequentemente atribuirá o índice 1 ao pronome nulo não valorado; ou seja, em (29b), o pronome é nulo não em virtude da incorporação em T, mas em virtude de ter um antecedente local, do qual resulta a interpretação definida do sujeito.

- (29) Finlandês (HOLMBERG, 2010a, p. 102 e 105)
- |                |                  |             |   |              |                         |               |
|----------------|------------------|-------------|---|--------------|-------------------------|---------------|
| a. <i>Jari</i> | <i>sanoo</i>     | <i>että</i> | – | <i>istuu</i> | <i>mukavasti</i>        | <i>tässä.</i> |
| <i>João</i>    | <i>disse-3SG</i> | <i>que</i>  | – | <i>senta</i> | <i>confortavelmente</i> | <i>aqui</i>   |
- ‘O João disse que (ele) senta confortavelmente aqui.’  
 ≠ ‘O João disse que se senta confortavelmente aqui.’  
 b. *Jari*<sub>1</sub> ... [<sub>CP</sub> *että* [<sub>TP</sub> *uDP* [<sub>T</sub> *istuu*+T<sub>3SG, EPP</sub> [<sub>VP</sub> <*uDP*<sub>3SG</sub>> <*istuu*> *mukavasti* *tässä*]]]]]

Para Holmberg (2010a), o pronome indefinido nulo de 3ª pessoa singular no finlandês deve ocupar [SPEC-vP] e, por isso, não checa o EPP, permitindo que outras categorias na sentença o façam, como (30).

- (30) Finlandês (HOLMBERG, 2010a, p. 102 e 105)
- |                |                  |             |              |              |                         |
|----------------|------------------|-------------|--------------|--------------|-------------------------|
| a. <i>Jari</i> | <i>sanoo</i>     | <i>että</i> | <i>tässä</i> | <i>istuu</i> | <i>mukavasti.</i>       |
| <i>João</i>    | <i>disse-3SG</i> | <i>que</i>  | <i>aqui</i>  | <i>senta</i> | <i>confortavelmente</i> |
- ‘O João disse que aqui se senta confortavelmente.’  
 ≠ ‘O João disse que ele senta confortavelmente aqui.’  
 b. [<sub>CP</sub> *että* [<sub>TP</sub> *tässä* [<sub>T</sub> *istuu*+T<sub>3SG, EPP</sub> [<sub>VP</sub>  $\phi$ P<sub>3SG</sub> <*istuu*> *mukavasti* <*tässä*>]]]]]

Em estudo sobre as propriedades sintático-semânticas do pronome nulo genérico no finlandês, Holmberg (2010b) observa que: (i) ele sempre possui leitura inclusiva (inclui falante e ouvinte) e traço [+humano], ou seja, é um argumento nulo com papel temático de agente; (ii) faz tudo o que pronomes manifestos fazem, porém, não satisfaz o traço-EPP em [SPEC-TP]; assim, (iii) um adjunto adverbial (31b) ou um expletivo manifesto (31c) satisfazem o traço-EPP, desencadeando, por incorporação, concordância com a 3ª pessoa singular e atribuindo Caso nominativo ao constituinte que ocupa [SPEC-TP].

- (31) Finlandês (HOLMBERG, 2010a, p. 210)
- |                                     |                         |                         |
|-------------------------------------|-------------------------|-------------------------|
| a. * <i>Istuu</i>                   | <i>mukavasti</i>        | <i>tässä.</i>           |
| <i>senta-3SG</i>                    | <i>confortavelmente</i> | <i>aqui</i>             |
| b. <i>Tässä</i>                     | <i>istuu</i>            | <i>mukavasti.</i>       |
| <i>aqui</i>                         | <i>senta-3SG</i>        | <i>confortavelmente</i> |
| ‘Aqui (se) senta confortavelmente.’ |                         |                         |
| c. <i>Sitä</i>                      | <i>istuu</i>            | <i>mukavasti</i>        |
| <i>EXP</i>                          | <i>senta-3SG</i>        | <i>confortavelmente</i> |
| ‘Senta-se confortavelmente aqui.’   |                         |                         |

Comparando finlandês e PB, construções com adjuntos adverbiais e pronomes nulos genéricos em posição pré-verbal também são encontradas no PB.

- (32) a. Nesse hotel pode entrar na piscina sem tirar a roupa. (RODRIGUES, 2004, p. 72 e 142)  
 b. Nesse hotel não pode entrar na piscina bêbado.  
 c. João me contou que na praia \*(*e*<sub>1</sub>) vende cachorro-quente.  
 d. João me contou que *e*<sub>1</sub> vende cachorro-quente na praia.

Rodrigues (2004) argumenta que o adjunto adverbial em (32a) bloqueia a extração do sujeito da encaixada pelo sujeito da matriz, permitindo a interpretação genérica do sujeito nulo. Em (32b) – ou seja, na ausência de um elemento intervindo entre a encaixada e a matriz –, o sujeito da matriz c-comanda o sujeito nulo. Modesto (2008) reconhece, por sua vez, que, caso um adjunto adverbial ocupe uma posição deslocada à esquerda, a interpretação para (33) é ambígua entre definida e genérica.

(33) Na praia, o Feco me falou que vende cachorro-quente.<sup>5</sup> (MODESTO, 2008, p. 400)

Silva (2000) constatou que um sujeito nulo de 3ª pessoa singular com leitura genérica no PB também pode ser licenciado numa interrogativa.

(34) Onde compra cartão postal aqui? (SILVA, 2000, p. 131)

Silva (2000) argumenta que o sujeito nulo em (34) só seria interpretado referencialmente caso um tópico sentencial ou discursivo ancorasse sua interpretação; na ausência desse tópico, a autora argumenta que sujeitos nulos de 3ª pessoa singular no PB são interpretados como se fossem o clítico *se*-impessoal. Silva (2017) declara que os sujeitos nulos genéricos no PB parecem ser licenciados sob o “[...] aspecto exibido pelo presente do indicativo ou pelo pretérito imperfeito, mas crucialmente não pelo pretérito perfeito” (SILVA, 2017, p. 196), tendo em vista que esse tempo verbal atuaria como um operador que deveria licenciar a interpretação referencial. Essa observação, contudo, não é válida. Lunguinho e Medeiros Júnior (2009) já haviam descrito que o pretérito perfeito atua como um operador que licencia a leitura arbitrária (episódica) no PB, como em (35).

(35) a. Matou um rapaz no show do Zezé di Camargo e Luciano ontem.  
b. Montou o armário lá em casa semana passada.  
c. Telefonou aí da CEB para você. (LUNGUINHO E MEDEIROS JÚNIOR, 2009, p. 10)

No PB, portanto, são possíveis tanto a leitura inclusiva (32a-b) quanto a exclusiva (35) – aquela que exclui falante e ouvinte – dos pronomes nulos genéricos, que também possuem interpretação [+ humana]. Pronomes nulos genéricos no PB também são licenciados sem a presença de um item lexical em posição pré-verbal, como em (34) e (35) e em (36) a seguir.

(36) Capina, rastela, limpa quintais e bate veneno.<sup>6</sup>

Diferentemente do finlandês, não há, portanto, no PB, a obrigatoriedade de um elemento, como um adjunto adverbial, ocupar [SPEC-TP] nas sentenças com sujeitos nulos genéricos. Pilati, Naves e Salles (2017) argumentam, todavia, que deve haver nessas sentenças uma âncora adverbial discursiva para que elas sejam licenciadas no PB: assim, em (35), essa âncora é manifesta (“no show”, “lá em casa”, “aí da CEB”), e, em (36), é recuperada pragmaticamente, isto é, remete ao local ou ao agente a que a informação está associada por meio de um contexto adequado de exposição. Crucialmente, as autoras argumentam que a realização fonológica de um item lexical em [SPEC-TP] não é obrigatória nas construções com sujeitos nulos genéricos no PB, as quais, no entanto, exigem uma âncora adverbial discursiva para licenciá-los.

Holmberg (2010b) descreve, ainda, haver um pronome manifesto genérico no finlandês (*sä*), cuja morfologia do pronome e do verbo é a de 2ª pessoa singular:

(37) Finlandês (HOLMBERG, 2010b, p. 203)

<i>Sä</i>	<i>saat</i>	<i>töitä</i>	<i>jos</i>	<i>sä</i>	<i>puhut</i>	<i>saksaa.</i>
<i>você-2SG</i>	<i>conseguir-2SG</i>	<i>trabalho</i>	<i>se</i>	<i>você-2SG</i>	<i>falar-2SG</i>	<i>alemão</i>

‘Você consegue um trabalho se você fala alemão.’

No PB, por sua vez, há dois pronomes manifestos genéricos: um de 2ª pessoa singular (*você*) e um de 1ª pessoa plural (*a gente*). Curiosamente, a morfologia de concordância de ambos é de 3ª pessoa singular.

(38) a. Ø não pode nadar aqui.  
b. A gente não pode nadar aqui.

<sup>5</sup> A ambiguidade em estruturas como (33) pode ser restrita, dependendo do escopo do adjunto adverbial.

<sup>6</sup> Registro na caçamba de uma moto estacionada na feira municipal de Jataí, Goiás.

c. Você não pode nadar aqui.

Com ou sem pronome manifesto, (38) apresenta leitura genérica inclusiva no PB. Curiosamente, conforme constataram Naves e Borges (2014) por meio de dados históricos, a leitura genérica exclusiva (arbitrária) parece impedir a inserção de pronomes lexicais na posição de sujeito no PB:

- (39) a. Dia 15 depois da novena, (\*a gente/\*você/??alguém) **levantou** o mastro de Nossa Senhora do Carmo.  
 b. Dia 29, eu, Maria e Anica fomos ao teatro, (\*a gente/\*você/\*alguém) **representava** *Direito por linhas tortas*.

(39) sugere que o sujeito nulo arbitrário licenciado pelo pretérito perfeito é semanticamente menos marcado para os traços de pessoa relacionados ao falante e ao ouvinte do que o sujeito nulo genérico de leitura inclusiva, que possui uma leitura existencial e traços semânticos de pessoa que podem remeter genericamente tanto ao falante quanto ao ouvinte. São, portanto, sujeitos nulos distintos.

Ainda sobre os pronomes nulos genéricos no finlandês, Holmberg, Nayudu e Sheehan (2009) mencionam que um DP objeto pode ocupar [SPEC-TP] nas construções em que eles são licenciados, como (40).

- (40) Finlandês (HOLMBERG; NAYUDU; SHEEHAN, 2009, p. 63)  
*Nuorten mielipiteitä kuuluu arvostaa.*  
*jovens-GEN opiniões dever-3SG respeitar*  
 ‘Deve-se respeitar as opiniões dos jovens.’

Curiosamente, verificamos que um fenômeno similar ocorre no PB, com a diferença de que o objeto frontado desencadeia a concordância com o verbo (o que não ocorre no finlandês).

- (41) a. Apartamento vende bem em Goiânia.  
 b. A cada um minuto quatro coisas vendem.

Curiosamente, os sujeitos de (41) não possuem traço [+ humano], apesar de a estrutura argumental do verbo exigir-lo. A propósito, enquanto o finlandês restringe seu pronome nulo genérico a uma leitura [+ humana], o PB permite uma leitura em que o sujeito nulo genérico de uma oração também pode ser um animal ou uma planta, como Holmberg e Phimsawat (2017) exemplificam a partir de um dado fornecido por Marcello Modesto: “Se está vivo, um dia morre”.<sup>7</sup>

Holmberg e Roberts (2013) reconhecem que a morfologia rica não é o único fator a ser considerado para a distinção (manifesto *versus* nulo) no licenciamento de sujeitos genéricos nas LSN consistentes e parciais, afinal, no finlandês, o paradigma verbal é rico, possuindo seis formas verbais finitas para o presente do indicativo (“cantar”: *laulan* (1SG), *laulat* (2SG), *laulaa* (3SG); *laulamme* (1PL), *laulatte* (2PL), *laulavat* (3PL)). Diante disso, os autores reforçam a hipótese de que a diferença crucial entre essas línguas é que T em LSN consistentes carrega um componente de definitude – [uD], um traço de definitude não valorado. Esse traço está ausente no finlandês e no PB, independentemente de morfologia rica. Holmberg e Roberts (2013) explicam que os traços-φ não especificados de T [*u-φ*] são valorados pelo sujeito nulo em LSN consistentes, porém, na ausência de um traço de definitude não especificado em T [uD], o valor de definitude do sujeito não pode ser copiado por T. Isso significa que esse sujeito não é uma cópia de T e, por isso, não pode ser deletado. Assim, eles sugerem que um sujeito definido só é deletado nas LSN com riqueza morfológica se há [uD] em T. Porém, se uma dada língua tem riqueza morfológica, mas não possui [uD] em T, seus sujeitos definidos devem ser manifestos.

Holmberg e Roberts (2013) formulam o seguinte postulado, relacionando sujeitos nulos, morfologia rica e sujeitos nulos genéricos.

<sup>7</sup> Faz-se necessário que mais estudos descritivos e analíticos sejam empreendidos a respeito da leitura não humana dos sujeitos nulos genéricos no PB.

(42) Se uma língua tem sujeito *pro-drop* pessoal em sentenças finitas e ativas e tem concordância verbal rica, então essa língua não tem sujeito *pro-drop* genérico no mesmo contexto, e vice-versa. (HOLMBERG; ROBERTS, 2013, p. 121)

(42) prevê que se uma língua tem sujeito nulo genérico em sentenças finitas e ativas e tem morfologia rica, então essa língua não tem sujeito definido nulo no mesmo contexto. Podemos pontuar, então, que os pronomes nulos genéricos são uma das características definidoras das LSN parciais. O PB e o finlandês (LSN parciais) apresentam algumas (as) simetrias nesse aspecto, conforme sistematizamos no Quadro 1.

LSN PARCIAIS:	Leitura do sujeito nulo genérico	Expletivo manifesto de leitura genérica	Pronome(s) pessoal(ais) de leitura genérica	Categorias especiais na posição de sujeito em sentenças com leitura genérica
FINLANDÊS	- O finlandês possui apenas sujeitos nulos genéricos de leitura inclusiva e traço [+ humano] (31b-c)	- Como vimos em (31c), o finlandês licencia um pronome expletivo ( <i>sitä</i> ) com leitura genérica inclusiva	- O finlandês possui um pronome genérico manifesto de 2ª pessoa singular ( <i>sä</i> ), com morfologia verbal correspondente (37)	- O finlandês permite que categorias como adjuntos adverbiais ocupem [SPEC-TP] em sentenças com leitura genérica (31) - O finlandês também permite um objeto frontado em [SPEC-TP] nessas sentenças, sem que ele, contudo, estabeleça concordância com o verbo (40)
PORTUGUÊS BRASILEIRO	- O PB possui sujeitos nulos genéricos de leitura inclusiva e exclusiva (arbitrária) (35), com um aparente papel da morfologia de tempo distinguindo essas leituras (contrariando Holmberg, Nayudu e Sheehan, 2009) - O sujeito nulo genérico no PB permite, em alguns casos, uma leitura não humana do sujeito	- O PB não possui expletivos manifestos de qualquer tipo	- O PB possui dois pronomes lexicais de leitura genérica inclusiva: um de 2ª pessoa singular ( <i>ocê</i> ) e um de 1ª pessoa plural ( <i>a gente</i> ), ambos com morfologia verbal de 3ª pessoa singular (38) - O PB aparentemente não licencia pronomes lexicais em construções com leitura genérica exclusiva (arbitrária) (39)	- Assim como o finlandês, o PB permite que categorias como adjuntos adverbiais ocupem [SPEC-TP] em construções com sujeitos nulos genéricos - O PB também permite objeto frontado em [SPEC-TP] em sentença com leitura genérica, com a diferença de que, no PB (diferentemente do finlandês), o objeto estabelece concordância com o verbo (41)

**Quadro 1:** (As) simetrias entre as sentenças com sujeitos nulos genéricos no PB e no finlandês

**Fonte:** Elaborado pelo autor

Do Quadro 1, tem-se que, nas sentenças com sujeitos nulos de leitura genérica no PB e no finlandês, o modo como as categorias lexicais e vazias atuam e ocupam [SPEC-TP] – ou [SPEC-νP] a depender do posicionamento teórico-analítico – é, ainda, uma questão em aberto que exige descrições mais detalhadas do fenômeno em ambas as línguas e em outras LSN.<sup>8</sup>

<sup>8</sup> Barbosa (2019), a partir da generalização de Tomioka (2003) para as LSN radicais, discutida na subseção 2.3, argumenta que os sujeitos nulos nas LSN parciais e também nas LSN radicais são instâncias de anáfora de um NP nulo. A pesquisadora propõe que sujeitos nulos nessas línguas são uma instanciação do núcleo *n* – um núcleo categorizador sem um radical. Ela argumenta que os sujeitos nulos genéricos no finlandês não se elevam para fora do núcleo verbal, ao passo que os sujeitos nulos definidos ocupam uma posição externa ao núcleo verbal. Assim, ela propõe duas configurações para o componente semântico no finlandês: a)

## 2.3 LSN RADICAIS

As línguas de sujeito nulo radicais – chinês, japonês, coreano etc. – licenciam sujeitos nulos, sem, contudo, exibir uma gramática em que a morfologia verbal recupere qualquer pessoa do discurso. Tomioka (2003) associa os argumentos nulos (sujeito e objeto) nessas línguas à possibilidade de elas permitirem NPs nus robustos como argumentos, propondo a seguinte generalização.

- (43) Generalização de Tomioka para as línguas *pro-drop* de orientação discursiva (TOMIOKA, 2003, p. 336)  
As línguas que permitem sujeitos nulos discursivos também permitem NPs nus como argumento.

Segundo o autor, *pro* nas LSN radicais é um NP nulo, cujo conteúdo é pragmaticamente recuperado. Ele afirma que as mesmas ferramentas semânticas usadas para interpretar NPs plenos, como na configuração em (44b), são usadas para interpretar *pro* em LSN radicais. Ele sugere que a base das LSN radicais é o fato de que as línguas naturais permitem, quase universalmente, NPs nus anafóricos. Há, para ele, duas maneiras de derivar argumentos nulos: sob anáfora e sob elipse de NP nulo, como em (44a) e (44b), respectivamente.

- (44) a. Línguas-DP
- ```

      DP
     /  \
    DP   NP
   γ     |
  some/all  ∅
  many
  
```
- b. Línguas-NP (elipse de NP) (TOMIOKA, 2003, p. 336)
- ```

      NP
      |
      ∅
  
```

Tomioka (2003) defende que os argumentos fonologicamente nulos e as elipses do NP têm o mesmo resultado em línguas com NPs como argumentos. A hipótese, portanto, é a de que se trata do mesmo fenômeno: pronomes nulos nas LSN radicais são o resultado da elipse de um NP. O EPP nessas línguas requer um NP ao invés de um DP. Se o núcleo funcional D é a posição onde os traços- $\phi$  e, portanto, pronomes manifestos e nulos são concatenados, a ausência desse núcleo minimiza a condição de que sujeitos nulos devam ser licenciados por concordância rica.

Contrários a Tomioka (2003), Neeleman e Szendrői (2007) propõem outra generalização que rege sujeitos nulos nas LSN radicais. Eles rejeitam (43) fundamentados nos seguintes argumentos: primeiramente, não está claro porque somente D bloqueia *pro-drop* radical, pois várias LSN radicais exigem que certos núcleos funcionais estejam presentes na projeção nominal estendida – japonês e coreano – cujos NPs devem estar acompanhados por uma partícula de caso, salvo raríssimas exceções. Para eles, se Tomioka (2003) estiver certo, sujeitos nulos em japonês deveriam ser licenciados apenas pela elisão do NP, como (45a), em que o NP é elidido, mas uma partícula de caso nominativo permanece. A sentença somente é gramatical se a partícula também for elidida (45b).

- (45) Japonês (NEELEMAN; SZENDRÖI, 2007, p. 678)
- a. \* $\emptyset$ -ga subete-no hon-o yon-da.  
-NOM todo-GEN livro-ACC ler-PASS
- b.  $\emptyset$  subete-no hon-o yon-da.  
todo-GEN livro-ACC ler-PASS
- ‘ $\emptyset$  leu todo livro.’

Eles acrescentam que existem, ainda, línguas que permitem sujeitos nulos na ausência de concordância e que exigem que NPs referenciais sejam acompanhados por determinantes: em Cheke Holo, o sujeito pode ser descartado, embora nenhum marcador

---

quando [<sub>n</sub>  $\emptyset$ ] permanece no interior do núcleo verbal: interpretação indefinida; b) quando [<sub>n</sub>  $\emptyset$ ] se eleva para posição pré-verbal: interpretação definida. A autora pontua, ainda, que, no PB, em construções como “Aqui vende fruta”, o nP é pós-verbal e possui leitura existencial, isto é, se restringe pragmaticamente a um traço [+humano]. A análise da autora falha em não prever a leitura não humana do sujeito nulo genérico no PB.

de concordância correspondente apareça no verbo (46a); por outro lado, Cheke Holo possui determinantes, mesmo em nomes próprios (46b).

(46) Cheke Holo (NEELEMAN; SZENDRÖI, 2007, p. 678)

a. *Wasi gu Ø pohe are.*  
*lavar ENF roupas aquelas*  
 ‘[Ela] lava as roupas.’

b. *Richard \*(na) e tusu mei radio \*(na) ka iara.*  
*Richard ART PM entregar ir rádio ART para mim*  
 ‘Ricardo entregou o rádio para mim.’

Neeleman e Szendrői (2007) postulam, portanto, que sujeitos nulos nas LSN radicais são licenciados pela morfologia dos pronomes. Eles afirmam que esses sujeitos ocorrem apenas em línguas cujos pronomes são aglutinantes de Caso, número ou outro traço nominal. Assim, línguas de sujeito não nulo não omitem os pronomes livremente embora possam apresentar concordância *pro-drop*, e as demais LSN licenciam sujeitos nulos sob concordância rica.

(47) Generalização de Neeleman e Szendrői (2007, p. 673) para *pro-drop* radical

*Pro-drop* radical requer aglutinação morfológica de pronomes.

Os autores sustentam que LSN radicais podem apagar seus pronomes se elas tiverem pelo menos alguma morfologia pronominal aglutinante. Na ausência de tal morfologia, *pro-drop* é bloqueado. Os autores mostram que a morfologia de casos em japonês é aglutinante: o radical pronominal *kare* em (48) acompanha morfemas de casos separados (-*ga* e -*o*). Já no chinês há um marcador plural -*men*, que se liga a radicais pronominais como *ta* ‘ele’ em (49).

(48) Japonês (NEELEMAN; SZENDRÖI, 2007, p. 679)

*Kare-ga kare-o settokusuru.*  
*ele-NOM ele-ACC persuade*  
 ‘Ele o persuade/ Ele persuade ele.’

(49) Chinês (NEELEMAN; SZENDRÖI, 2007, p. 679)

*Ta-men kanjian ta le.*  
*ele-PL ver ele PERF*  
 ‘Eles viram ele.’

Eles explicam que a correlação entre morfologia dos pronomes e sujeitos nulos em LSN radicais é derivada de três operações independentemente motivadas: primeiramente, os argumentos nulos são tomados como pronomes regulares não pronunciados em PF, em vez de instanciações de um item lexical silencioso especial (*pro*) – assim, a diferença entre LSN consistentes e radicais é que nas primeiras há uma operação de apagamento que referencia as propriedades (pro)nominais de T, enquanto nas últimas o apagamento se aplica independentemente das propriedades de T. Esse tipo operação nas LSN radicais é possível porque, devido à ausência de concordância, o problema com a operação de cópia não existe. Em segundo, as regras de *Spell-out* para os pronomes podem ter como alvo nós não terminais, assim como nós terminais. Por fim, a competição entre as diferentes regras de *Spell-out* é regulada por condições como o *Elsewhere Principle*.

Sato e Kim (2012) fornecem evidências do inglês coloquial de Cingapura (ICC), língua de base lexical inglesa resultante do contato com línguas siníticas – mandarim, cantonês etc. – como contraexemplo à generalização de Neeleman e Szendrői (2007). Citam como característica do ICC a ausência de pronomes expletivos. Ademais, mostram que o ICC exhibe: construções de tópico nulo em cadeia; construções com tópico fonologicamente marcado no início da sentença; assimetrias de argumentos nulos na posição de sujeito e de objeto. Nota-se que essa língua se conforma à proposta de C.-T. Huang (1984) de que uma língua de tópico proeminente exhibe duas propriedades essenciais: livre omissão de argumentos e assimetrias na referência de argumentos nulos nas

posições de sujeito e de objeto. Os autores evidenciam, contudo, que, nos casos em que o verbo concorda morfologicamente com o sujeito (mais restritamente, no presente da 3ª pessoa singular), sujeitos nulos não são permitidos:

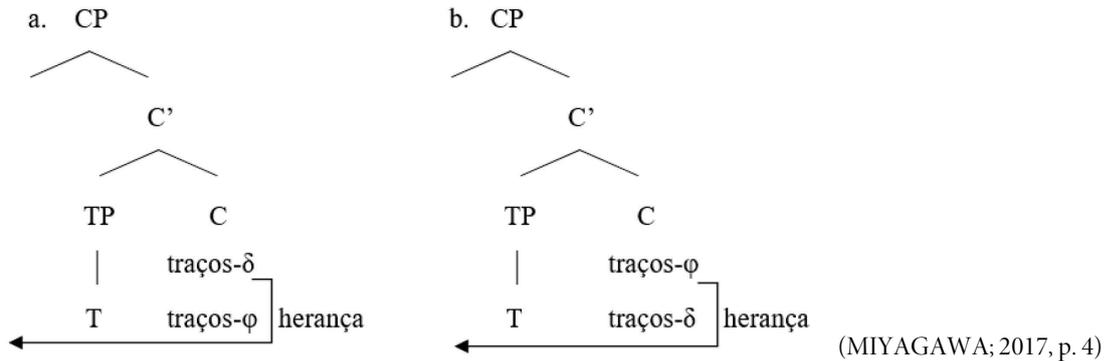
- (50) Inglês coloquial de Cingapura (SATO; KIM, 2012, p. 868)
- Falante A: *Zhangsan meets Xu all the time or not?* (ICC)  
 ‘Does Zhangsan meet Xu all the time?’ (Inglês padrão)  
 ‘Zhangsan encontra-se com Xu o tempo todo ou não?’
- Falante B:
- a. \**e* meets him all the time!  
 [*ele*] encontra ele todo o tempo
- b. *He* meets *e* all the time!  
*ele* encontra [*o/ele*] todo o tempo  
 ‘Ele (o) encontra todo o tempo.’
- c. \**e* meets *e* all the time!  
 [*ele*] encontra [*ele*] todo o tempo
- d. \**Lisi<sub>i</sub>* say [*e<sub>j</sub>*] meets him all the time!.  
*Lisi<sub>i</sub>* disse [*e<sub>j</sub>*] encontra o todo o tempo
- e. *Lisi<sub>i</sub>* say [*he* meets *e<sub>j</sub>*] all the time!.  
*Lisi<sub>i</sub>* diz [*ele* encontra *e<sub>j</sub>*] todo o tempo  
 ‘Lisi diz que ele a encontra todo o tempo.’

Para lidar com (50), os autores adotam Speas (2006), que afirma que a possibilidade de argumentos nulos é bloqueada por concordância escassa (*meager agreement*). Speas (2006) propõe que, quando T contém traços- $\phi$  que não possuem uma especificação completa, seus traços devem ser valorados por meio da relação especificador-núcleo. Assim, como não possuem traços- $\phi$ , as línguas com concordância escassa não permitem a inserção de uma categoria vazia na posição do sujeito quando algum traço de concordância é acionado. Por outro lado, quando uma língua tem concordância rica em T, que é totalmente especificado, a língua permite sujeito nulo. Por último, quando uma língua não tem nenhuma concordância, não há nada que exclua uma categoria vazia na posição de sujeito. Sato e Kim (2012) argumentam que a concordância escassa no ICC bloqueia a omissão do sujeito. Assim, eles postulam que em uma LSN radical com concordância escassa opcional, como o ICC, o sujeito nulo é descartado em duas situações: quando seu conteúdo não é recuperável por meio da concordância escassa e quando ele não pode fornecer os traços formais para estabelecer a concordância escassa. Em contrapartida, um tópico nulo é descartado não porque seu conteúdo não pode ser recuperado por concordância escassa, mas porque não pode fornecer os traços- $\phi$  necessários para serem valorados por concordância escassa.

Sob o escopo de sua teoria da uniformidade forte (*Strong Uniformity*), segundo a qual todas as línguas compartilham o mesmo conjunto de características gramaticais e todas as línguas manifestam abertamente essas características<sup>9</sup>, Miyagawa (2017) defende que as línguas com e sem concordância morfológica são geradas por um sistema único e estão unificadas por meio de um conjunto de traços gramaticais que inclui tanto traços- $\phi$  quanto traços- $\delta$  – viz., traços configuracionais do discurso, como tópico e foco. Miyagawa (2017) prediz duas configurações para a herança de traços de C por T a partir dos traços- $\phi$  e dos traços- $\delta$ :

- (51) Línguas de concordância marcada                      Línguas de configuração discursiva

<sup>9</sup> A teoria uniformidade forte está alicerçada no princípio de uniformidade (*Uniformity Principle*) de Chomsky (2001), segundo a qual, na ausência de evidência convincente do contrário, assume-se que as línguas são uniformes, com variedade restrita a propriedades facilmente detectáveis nos enunciados.



Como corolário, (51) prevê quatro tipos distintos de línguas: línguas com traços- $\phi$  em C e traços- $\delta$  em T (japonês); línguas com traços- $\delta$  em C e traços- $\phi$  em T (inglês); línguas com traços- $\phi$  e traços- $\delta$  em T (espanhol); e línguas com traços- $\phi$  e traços- $\delta$  em C (Dinca). Quanto às LSN radiciais, apesar de manter *pro* como uma categoria analítico-descritiva, o autor desenvolve uma elegante análise, lançando um novo olhar sobre a natureza dos sujeitos nulos nessas línguas. Ele sugere, e.g., que o sujeito nulo em chinês é um pronome fraco, e não o resultado da elipse de argumento (como amplamente aceito na literatura). Ele afirma que o chinês é uma língua com traços- $\delta$  em C e traços- $\phi$  em T e o sujeito *pro* em chinês atua dependendo dos traços- $\phi$  para referência interna na sentença, mas, quando essa opção não é escolhida, muda para os traços- $\delta$  para se referir a uma entidade discursiva. Argumenta, ainda, que a topicalização do sujeito nulo em chinês ocorre quando ele não recebe os traços- $\phi$  de T, enquanto o sujeito nulo em línguas românicas é topicalizado como parte das propriedades de concordância e de movimento dessas línguas. Em chinês, *pro* é limitado em seu potencial de referência: refere-se a uma entidade discursiva em contextos muito restritos, e internamente seu antecedente é limitado ao sujeito.

Miyagawa (2017) mostra que, quando *pro* se refere a uma entidade do discurso, o antecedente não precisa ser um sujeito em chinês. Assim, dado que *pro* em (52b) está em uma posição de tópico, é natural que ele procure por um tópico como seu referente, de modo que o antecedente para *pro* em (52b) deve ser *Mali* de (52a), gerando uma leitura *sloppy* – pouco esperada no chinês.

(52) Chinês (MIYAGAWA, 2017, p. 73)

- a. *Mali, Zhangsan hen xihuan ta.*  
*Maria Zhangsan muito gosta dela*  
 ‘A Maria, Zhangsan gosta muito dela.’
- b. *Danshi, Lisi shuo [pro yijing jiehun le].*  
*Mas Lisi disse [pro = Maria] está pronta para casar-se.’*

Quanto ao sujeito *pro* em chinês ser um pronome fraco, Miyagawa (2018) fornece como evidência o bloqueio de ligação de anáforas (53). Ele explica o bloqueio de ligação de anáforas fundamentado na ideia de que a ligação de longa distância de anáforas é implementada pelo movimento coberto da anáfora para o núcleo cujo especificador contém o sujeito da oração, ou seja, um antecedente em potencial. Isso se baseia na suposição de que a anáfora é subespecificada para algum traço, mais precisamente os traços- $\phi$  de pessoa, e move-se para um núcleo cujo especificador pode fornecer o traço necessário para possibilitar que a anáfora encontre o antecedente apropriado.

(53) Chinês (MIYAGAWA, 2018, p. 286)

- a. *Lisi<sub>i</sub> juede [Zhangsan<sub>j</sub> dui ziji<sub>i/j</sub> mei xinxin]*  
*Lisi achar Zhangsan ter REFL não confiança*  
 ‘Lisi acha que Zhangsan não tem confiança em si mesmo/nele.’
- b. *Lisi<sub>i</sub> juede [wo/ni<sub>j</sub> dui ziji<sub>i/j</sub> mei xinxin]*  
*Lisi achar eu/você ter REFL não confiança*  
 ‘Lisi acha que eu/você não tenho/tem confiança em mim/você mesmo.’

- c.  $Wo_i$  *juede* [ $ni_j$  *dui*  $ziji_{i_{ij}}$  *mei* *xinxin*].  
 Eu *achar* *você* *ter* REFL *não* *confiança*  
 ‘Eu acho que você não tem confiança em você mesmo.’  $ziji = \text{você}/^*eu$
- d.  $Wo_i$  *juede* [ $Zhangsan_j$  *dui*  $ziji_{i_{(j)ij}}$  *mei* *xinxin*]  
 Eu *achar* *Zhangsan* *ter* REFL *não* *confiança*  
 ‘Eu penso que Zhangsan não tem confiança em si mesmo.’  $ziji = \text{Zhangsan}/(^*)eu$
- e. *Nashi*  $wo_i$  *juede*  $Zhangsan_j$  *dui*  $ziji_{i_{ij}}$  *mei*  
*naquele-tempo* *eu* *achar* *Zhangsan* *ter* REFL *não*  
*xinxin* *jiu* *fangqi* *le*  
*confiança* *então* *desistir* PERF  
 ‘Naquele tempo, eu pensei que o Zhangsan não tinha confiança em si mesmo, então (eu/ele) desisti/desistiu.’

De acordo com Miyagawa (2018), em (53a), a anáfora pode ser ligada localmente ou pode assumir uma relação de ligação de longa distância com o sujeito da oração mais alta. Em (53b), a interpretação de longa distância é bloqueada se o sujeito local for um pronome com traço semântico de participante de 1ª/2ª pessoa. Em (53c), o bloqueio pelo sujeito local de 1ª/2ª pessoa se mantém mesmo se o sujeito mais alto é de 1ª/2ª pessoa. Em (53d), enquanto o sujeito local de 1ª/2ª pessoa desencadeia o bloqueio, um sujeito local de 3ª pessoa não o faz para muitos falantes nativos segundo o autor. Em (53e), tem-se outro exemplo em que um sujeito local de 3ª pessoa não desencadeia concordância. Miyagawa (2018) sugere que o efeito de bloqueio em (53) se aplica no chinês devido a algum tipo de sistema de concordância de pessoa, assim, a ausência de bloqueio por um sujeito local de 3ª pessoa equivale à dicotomia encontrada em muitas línguas entre concordância de participantes e não participantes – enquanto a concordância de participante tem os traços de concordância completos, a concordância de não participantes não os tem, de modo que, como efeito, é uma concordância não marcada.

#### 2.4 LSN EXPLETIVO

O holandês (54) e o alemão (55) licenciam expletivo nulo, teoricamente um pronome fraco, mas não licenciam nulos referenciais.

- (54) Holandês  
*Gisteren werd* (*\*er*) *door het hele dorp* *gedanst.*  
*ontem foi* EXPL *por a toda vizinhança* *dançado*  
 ‘Ontem, houve dança por toda a vizinhança.’ (GILLIGAN, 1987, p. 80)

- (55) Alemão  
 a. *Gestern wurde* (*\*es*) *getanz.*  
*ontem estava-3SG-IMP* EXPL *dançado*  
 ‘Ontem houve dança.’  
 b. *Gestern war* (*\*es*) *geschlossen.*  
*ontem estava-3SG-IMP* EXPL *fechado*  
 ‘Ontem estava fechado.’ (CARDINALETTI, 1900, p. 5-6)

Em alemão, o expletivo *es* não pode ser expresso (55a) enquanto na mesma posição sintática, mas referencial, *es* deve ser manifesto (55b). Y. Huang (2000) sinaliza três comportamentos relacionados às LSN expletivo: (a) omitir apenas o expletivo não argumental, isto é, expletivos sem papel- $\theta$ , de modo que o expletivo de verbos meteorológicos deve ser fonologicamente realizado (alemão, holandês); (b) omitir expletivos não argumentais e quase argumentais, ou seja, os expletivos de verbos meteorológicos (islandês, iídiche); e (c) omitir expletivos não argumentais, quase argumentais e, sob circunstâncias restritas, pronomes referenciais nulos (segundo o autor, finlandês, hebraico e ucraniano).

As línguas citadas por Y. Huang (2000) em (c) não podem ser consideradas um subtipo das LSN expletivo. Como vimos, o finlandês tem contextos restritos e sistemáticos em que licencia sujeitos nulos. Nessa direção, Holmberg e Nikanne (2002)

destacam que os expletivos *sitä* e *se* (este nominativo) são opcionais no finlandês (56), porque há nessa língua uma posição de tópico (FP) que licencia esses sujeitos e cujo traço-EPP é opcional.

- (56) Finlandês (HOLMBERG; NIKANNE, 2002, p. 82)
- a. (*Sitä*) *On ilmennyt ongelmia.*  
 EXP *tem surgido problemas*  
 ‘Tem surgido problemas’
- b. (*Sitä*) *Sattui onnettomuus.*  
 EXP *ocorreu (um) acidente*  
 ‘Ocorreu um acidente’
- c. (*Sitä*) *Tuli kiire.*  
 EXP *veio pressa*  
 ‘Nós/eles estamos/estão com pressa.’
- d. (*Sitä*) *Sataa vettä.*  
 EXP *chove água*  
 ‘Chove.’
- e. (*Se*) *Oli hauskaa että tulit käymään.*  
 EXP *foi legal que veio-2SG visitar*  
 ‘Foi legal que você veio visitar.’

Biberauer (2010) apresenta um extensivo estudo do islandês e do alemão e segue a proposta de Rizzi (1986) de que as LSN expletivo são divididas entre: aquelas que licenciam expletivos nulos quase argumentais e não argumentais; e aquelas que licenciam expletivos nulos não argumentais, mas não licenciam expletivos nulos quase argumentais. A pesquisadora atribui a variação no licenciamento de expletivos nulos e manifestos no islandês e no alemão a uma diferença nos inventários lexicais dessas línguas. Essa questão é ilustrada a seguir – o islandês licencia expletivo nulo quase argumental (57), mas o alemão não (58).

- (57) Islandês (BIBERAUER, 2010, p. 158)
- I' gær rigndi (\*það)*  
*ontem choveu EXPL*  
 ‘Ontem choveu.’

- (58) Alemão (BIBERAUER, 2010, p. 159)
- a. *Es schneit heute*  
 EXPL *neva hoje*  
 ‘Está nevando hoje.’
- b. *Heute schneit \*(es)*  
*hoje neva EXPL*  
 ‘Hoje está nevando.’

Biberauer (2010) afirma que o alemão (58a-b) difere do islandês (57) ao exigir de forma consistente um expletivo manifesto com verbos meteorológicos. Ela postula que no islandês há apenas o expletivo *það*, que é um expletivo vinculado a CP. Já no alemão há dois expletivos: o *es* quase argumental (58a), que é um expletivo manifesto fundido a SPEC-νP; e um expletivo nulo verdadeiro, como em (55a). Para ela, em ambas as línguas não há expletivo fundido em [SPEC-TP], e o expletivo verdadeiro nelas, codificando possivelmente apenas pessoa, é um tópico expletivo associado a CP devido às propriedades V2 dessas línguas.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos um estado da arte dos principais estudos minimalistas sobre sujeitos nulos, considerando as descrições tipológicas das LSN. Mostramos que A&A (1998) argumentam em prol de as flexões verbais serem tomadas como categorias sintáticas das orações (viz., o sujeito), embora sejam realizadas como partes de um verbo, e delineamos a proposta de Holmberg (2005) de que a operação que gera sujeitos definidos nulos na 3ª pessoa do singular nas LSN consistentes gera um sujeito nulo indefinido na 3ª pessoa do singular nas LSN parciais devido ao fato de o traço de definitude estar ausente do conjunto de traços- $\phi$  de T dessas línguas. Os estudos de Holmberg (2005, 2010a), Roberts (2010), Holmberg e Roberts (2013) e Barbosa (2019), indo além da dicotomia morfologia-sintaxe, relacionam um traço semântico de definitude no núcleo funcional temporal ao licenciamento de sujeitos nulos definidos com traço nas LSN consistentes. Holmberg (2005, 2010a) e Holmberg e Roberts (2013) relacionam, ainda, a ausência do traço de definitude ao licenciamento de sujeitos indefinidos nulos de leitura genérica – inclusiva ou exclusiva – nas LSN parciais.

Mostramos, ainda, que Sato e Kim (2012) e Miyagawa (2017, 2018) se baseiam no postulado de C.-T. Huang (1984) de que a ausência total de traços de concordância conduz as LSN radicais de um modo bastante distinto. Nessa perspectiva, por meio dos dados empíricos fornecidos pelos autores, verificamos que a presença (ainda que abstrata) de traços- $\phi$  de concordância em T, como ocorre na 3ª pessoa do singular no ICC e como foi proposto por Miyagawa (2018) para o chinês, altera o licenciamento e a identificação dos sujeitos nulos nas LSN radicais. Com isso, concluímos que, para os estudos minimalistas, os traços formais presentes em T têm um papel crucial para licenciar e identificar sujeitos nulos nas LSN: nas LSN consistentes e parciais, a presença ou a ausência de um traço-D em T, associado aos traços- $\phi$ , tem papel proeminente; nas LSN radicais, a presença de traços- $\phi$  em T alteram o licenciamento e a identificação de sujeitos nulos; e, por fim, nas chamadas LSN expletivo, pronomes expletivos verdadeiros não se fundem a T, pois, na verdade, estão vinculados a propriedades de C dessas línguas – geralmente, línguas V2.

## AGRADECIMENTOS

À CAPES (Código de Financiamento 001), à Rozana Reigota Naves (UnB) e ao Acrísio Pires (University of Michigan), que bem me conduziram nos estudos do sujeito. Também agradeço ao grupo *Sujeitos de sujeito*, coordenado pela Profa. Dra. Sandra Quarezemin (UFSC) durante o período do meu estágio pós-doutoral (CAPES-Print/2019-2020), que correspondeu, simultaneamente, ao incerto início da pandemia da Covid-19 em 2020 e ao momento de interesse de publicar este texto.

## REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E. Parametrizing Agr: Word order, V-movement and EPP-checking. *Natural Language & Linguistic Theory*, v. 16, n. 3, 491-539, 1998. DOI: <https://doi.org/10.1023/A:1006090432389>. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1006090432389> Acesso em: 12 jun. 2023.
- BARBOSA, P. *Null subjects*. 1995. 200f. Tese (Doutorado em Linguística) – Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge-MA, 1995.
- BARBOSA, P. *pro* as a Minimal nP: towards a unified approach to *pro-drop*. *Linguistic Inquiry*, v. 50, n. 3, p. 487-526, 2019. DOI: [https://doi.org/10.1162/ling\\_a\\_00312](https://doi.org/10.1162/ling_a_00312). Disponível em: <https://direct.mit.edu/ling/article-abstract/50/3/487/726/pro-as-a-Minimal-nP-Toward-a-Unified-Approach-to?redirectedFrom=fulltext> Acesso em: 12 jun. 2023.
- BIBERAUER, T. Semi null-subject languages, expletives and expletive *pro* reconsidered. In: BIBERAUER, T. *et al.* (org.). *Parametric Variation: Null Subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 153-199. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511770784.005>.
- CAMACHO, J. *Null subjects*. Cambridge University Press, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9781139524407>.

CARDINALETTI, A. *Impersonal constructions and sentential arguments in German*. Padua: Unipress, 1990. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511770784.005>.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding theory*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, M. (org.). *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2001, p. 1-52. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/4056.003.0004>.

CHOMSKY, N. Minimalist inquires: the framework. In: MARTIN, R. *et al.* (org.). *Step-by-step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000. p. 89-155.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: The MIT Press, 1995. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/9780262527347.001.0001>.

CHOMSKY, N.; LASNIK, H. Filters and control. *Linguistic Inquiry*, v. 8, n. 3, 425-504, 1977.

GILLIGAN, G. M. *A cross linguistic approach to the pro-drop parameter*. 1987. 952 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Southern California, 1987.

HOLMBERG, A. Null Subject Parameters. In: BIBERAUER, T. *et al.* (org.). *Parametric Variation: null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010a. p. 88-124. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511770784.003>.

HOLMBERG, A. The null generic subject pronoun in Finnish: a case of incorporation in T. In: BIBERAUER, T. *et al.* (org.). *Parametric Variation: null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010b. p. 200-231. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511770784.006>.

HOLMBERG, A. Is there a little pro? Evidence from Finnish. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 4, p. 533-564, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1162/002438905774464322>. Disponível em: <https://direct.mit.edu/ling/article-abstract/36/4/533/268/Is-There-a-Little-Pro-Evidence-from-Finnish?redirectedFrom=fulltext> Acesso em: 12 jun. 2023.

HOLMBERG, A.; M. SHEEHAN. Control into finite clauses in partial null-subject languages. In: BIBERAUER, T. *et al.* (org.). *Parametric Variation: null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 125-152. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511770784.004>.

HOLMBERG, A.; NAYUDU, A.; SHEEHAN, M. Three Partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. *Studia Linguística*, v. 63. n. 1, p. 59-97, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9582.2008.01154.x>. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9582.2008.01154.x> Acesso em: 12 jun. 2023.

- HOLMBERG, A.; NIKANNE, U. Expletives, subjects, and topics in Finnish. In: SVENONIUS, P. (org.). *Subjects, expletives, and the EPP*. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 71-106.
- HOLMBERG, A.; ROBERTS, I. The syntax-morphology relation. *Lingua*, v. 130, p. 111-131, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2012.10.006>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0024384112002136?via%3Dihub> Acesso em: 23 jun. 2023.
- HOLMBERG, A.; PHIMSAWAT, O.-U. *Truly minimal pronouns*. *Diadorim*, v. 19, número especial, p. 11-36, 2017. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2017.v19n0a13512>. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/diadorim/article/view/13512>. Acesso em: 03 out. 2023.
- HUANG, Y. *Anaphora: A cross-linguistic study*. Oxford: Oxford University Press. 2000.
- HUANG, C.-T. On the distribution and reference of empty pronouns. *Linguistic Inquiry*, v. 15, n. 4, p. 531-574, 1984.
- JAEGGLI, O.; SAFIR, K. The null subject parameter and parametric theory. In: JAEGGLI, O.; SAFIR, K. (org.). *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer, 1989. p. 1-44. DOI: [https://doi.org/10.1007/978-94-009-2540-3\\_1](https://doi.org/10.1007/978-94-009-2540-3_1).
- KATO, M. A. Strong and weak pronouns in the null subject parameter. *Probus*, v. 11, n. 1, p. 1- 38. 1999. DOI: <https://doi.org/10.1515/prbs.1999.11.1.1>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/prbs.1999.11.1.1/html> Acesso em: 12 jun. 2023.
- KAYNE, R. Extensions of binding and Case marking. *Linguistic Inquiry*, v. 11, n. 1, 75-96, p. 1980.
- LUNGUINHO, M. V. S.; MEDEIROS JÚNIOR, P. Inventou um novo sujeito: características sintáticas e semânticas de uma estratégia de indeterminação do sujeito no português brasileiro. *A Interdisciplinar*, v. 9, ano IV, p. 7-21, 2009.
- MIYAGAWA, S. Strong and weak pronouns in the covert system of pronouns. *Journal of Japanese Linguistics*, v. 34, n. 2, p. 281-301, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1515/jjl-2018-0017>. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/jjl-2018-0017/html> Acesso em: 12 jun. 2023.
- MIYAGAWA, S. *Agreement beyond phi*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2017. DOI: <https://doi.org/10.7551/mitpress/10958.001.0001>.
- MODESTO, M. Topic prominence and null subjects. In: BIBERAUER, T. (org.). *The limits of syntactic variation*. Amsterdam: John Benjamins, 2008. p. 375-409. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.132.17mod>.
- NAVES, R.; BORGES, H. A emergência da gramática do português brasileiro em Goiás. *Confluência*, v. 47, n. 2, p. 68-102, 2014. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.v1i47.62>. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/62> Acesso em: 23 jun. 2023.
- NEELEMAN, A.; SZENDRÖI, K. Radical pro drop and the morphology of pronouns. *Linguistic Inquiry*, v. 38, n. 4, p. 671-714, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1162/ling.2007.38.4.671>. Disponível em: <https://direct.mit.edu/ling/article-abstract/38/4/671/347/Radical-Pro-Drop-and-the-Morphology-of-Pronouns?redirectedFrom=fulltext> Acesso em: 12 jun. 2023.

NUNES, J. *The copy theory of movement and linearization of chains in the minimalist program*. 1999. 441 f. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Maryland, College Park, 1999.

ORDÓÑEZ, F. *Word order and clause structure in Spanish and other Romance languages*. 1997. 450 f. Tese (Doutorado em Linguística) – City University of New York, 1997.

PERLMUTTER, D. *Deep and surface constraints in syntax*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.

PILATI, E.; NAVES, R.; SALLES, H. Locative DPs and deictic adverbs/pronouns in subject position in Brazilian Portuguese. In: FERNÁNDEZ-SORIANO, O.; et al. (org.). *Boundaries, phases and interfaces: Case studies in honor of Violeta Demonte*. Amsterdam: John Benjamins, 2017, p. 63-83. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.239.04pil>.

RIZZI, L. Null subjects in Italian and the theory of *pro*. *Linguistic Inquiry*, v. 17, n. 3, p. 501-557, 1986.

RIZZI, L. *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris, 1982.

ROBERTS, I. A deletion analysis of null subjects. In: BIBERAUER, T. et al. *Parametric variation: null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 58-87. DOI: <https://doi.org/10.1017/CBO9780511770784.002>.

RODRIGUES, C. *Impoverished morphology and A-movement out of case domains*. 388 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Graduate School of University of Maryland, Department of Linguistics, 2004.

SAAB, A. On the notion of partial (non-) *pro*-drop in Romance. In: KATO, M.; ORDÓÑEZ, F. (org.). *The morphosyntax of Spanish and Portuguese in Latin America*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 49-77. DOI: <http://dx.doi.org/10.1093/acprof:oso/9780190465889.003.0003>.

SAFIR, K. *Syntactic chains and the definiteness effect*. 1982. 510 f. Tese (Doutorado em Linguística), – Department of Linguistics and Philosophy, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge-MA, 1982.

SATO, Y.; KIM, C. Radical *pro* drop and the role of syntactic agreement in Colloquial Singapore English. *Lingua*, v. 122, n. 8, p. 858-873, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2012.02.006>. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0024384112000484?via%3Dihub> Acesso em: 12 jun. 2023.

SILVA, M. C. F. O estado da arte dos estudos sobre sujeitos nulos, posições de sujeito e marcas flexionais. *Revista Linguística*, v. 13, p. 1-21, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.31513/linguistica.2017.v13n2a13510>. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/rl/article/view/13510> Acesso em: 12 jun. 2023.

SILVA, M. C. F. Main and embedded null subjects in Brazilian Portuguese. In: NEGRÃO, E.; KATO, M. (org.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Madrid: Vervuet Iberoamericana, 2000. p. 127-145.

SPEAS, M. Economy, agreement and the representation of null arguments. In: ACKEMA, P. et al. (org.). *Arguments and agreement*. Oxford: Oxford University Press, 2006. p. 35-75.

TARALDSEN, K. T. *On the nominative island constraint, vacuous application and the that-trace filter*. Indiana University Linguistics Circle. Bloomington: Indiana, 1980.

TOMIOKA, S. The semantics of Japanese null pronouns and its crosslinguistic implications. *In*: SCHWABE, K.; WINKLER, S. (org.). *The interfaces: Deriving and interpreting omitted structures*. Amsterdam: John Benjamins, 2003, p. 321-340. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.61.16tom>.



Recebido em 16/01/2022. Aceito em 19/04/2022.